



## **Educação do corpo e identidades brasileiras: Representações da juventude na década de 1930 em “A Gazeta”**

João Victor de Oliveira Mazzucatto<sup>1</sup>

Edivaldo Gois Junior<sup>2</sup>

Palavras chave: juventude; esporte; eugenia

O presente projeto visou compreender as representações sobre a juventude que circulavam no jornal “A Gazeta”, em sua edição paulistana, no período de 1930 a 1934, e quais relações são estabelecidas entre jovens, eugenia, o esporte e o rejuvenescimento nas questões da saúde. O estudo das representações da juventude se encontra em um contexto no qual devido a grande multiplicidade cultural e plasticidade existente na esfera social, se faz necessário o entendimento de identidades que vão além de grandes divisões homogeneizadoras, como a de classes econômicas, gênero ou raça. É necessário a compreensão de todas essas identidades, para que seja possível a justaposição delas tencionando tornar o mundo social - que é extremamente complexo - inteligível ao pensamento humano. É nessa direção que esta pesquisa busca contribuir de alguma maneira com a ciência. A convergência do tema com a Educação Física ocorre de duas maneiras. Em primeiro lugar, devido ao entendimento de que a juventude enquanto categoria social é erigida em torno do corpo - objeto de estudo que não é, porém, monopólio da Educação Física -, e para além da tentativa de delimitação desta categoria tendo parâmetros do corpo biológico, existe uma expressão valorativa que constitui o ser jovem, e nesta perspectiva, o significado da juventude tem como alicerce o corpo cultural e social, que é uma construção específica de cada tempo histórico, e é justamente esse viés que nos interessa nesta pesquisa. E segundo, a profunda intimidade que o século XX construiu entre a juventude, a eugenia e o esporte.

A compreensão da juventude enquanto uma diferenciação de grupos produzida no ideário de mundo moderno, nos levou a perceber o jornal “A Gazeta” como um espaço

<sup>1</sup> Discente do curso de Educação Física em FEF/UNICAMP.

<sup>2</sup> Professor Doutor em FEF/UNICAMP, e orientador da presente pesquisa.

privilegiado de análise da mesma, na medida em que na gestão de Cásper Líbero, o periódico sofreu um grande processo de modernização, que talvez não tenha sido único, devido ao contexto social do Brasil no início do século XX. Além disso, o projeto editorial da “A Gazeta” se mostra de forte cunho nacionalista, e apesar de o nacionalismo não ter sido tema central da pesquisa, certamente está profundamente ligado com os que foram: juventude, eugenia, esporte, rejuvenescimento e saúde.

Os materiais utilizados no trabalho foram coletados no acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, no qual foram usados no campo de busca as palavras chave “mocidade” e “juventude”, e para ambas as buscas abrangeu-se os anos de 1930 a 1933. O segundo acervo consultado, possibilitou o contato com o jornal físico, localizado na coleção especial da Biblioteca da Faculdade de Educação Física da Unicamp, em que foi coletado o ano de 1931 (novamente) e 1934. O corpo documental foi constituído por fotografias e matérias de jornal, ao encontrar referências diretas ou indiretas sobre mocidade/juventude.

A base teórica do trabalho foi a história cultural, pois ela avalia assimilar as representações do corpo e as práticas do corpo. O conceito de representações utilizado, refere-se a “significações que permitem o sujeito entender o mundo social” (Chartier, 2002, p. 7), o que nos abre a possibilidade de compreender a dimensão simbólica dos discursos, que são traduzidos em práticas. Da mesma maneira que as representações se traduzem em práticas, as práticas constroem representações, que são inevitavelmente apropriadas pelos sujeitos que as acessam. Os conceitos de práticas e representações, então, possibilitam perceber de que maneira certos grupos se apropriam daquilo que lhes é imposto. Portanto, práticas, representações e apropriações são faces de uma mesma moeda; são partes de um mesmo processo. Para Peter Burke (2005, p. 10), “o terreno comum dos historiadores culturais pode ser descrito como a preocupação com simbólico e suas interpretações”, sendo por esse motivo a história cultural um campo propício para o desenvolvimento deste estudo, por nos ajudar a pensar em nosso problema.

Os resultados da pesquisa mostraram uma relação muito forte da juventude com os seguintes temas: esporte; eugenia; conservação da juventude ou então até de rejuvenescimento. Interessante notar que todos esses temas apresentam uma inflexão para a eugenia. A eugenia é a centralidade da discussão. Por exemplo, em uma notícia que falava sobre Lima Barreto - cabe ressaltar que ele era contrário ao esporte - explicava que ele questionava a ideia em voga de que o esporte era uma fonte de educação moral, esta que era muito importante para atingir a eugenia. Segundo Lima Barreto, o esporte, ao contrário do que muito se dizia, não contribuía para a educação moral, e tampouco para a eugenia. Em outras palavras, não se questionava a eugenia, mas o quanto certas práticas poderiam ou não favorecê-la. Não há uma sequer menção nas fontes analisadas que questiona o discurso eugênico.

A eugenia se caracteriza pela preocupação com a evolução genética da raça humana, e com isso, estabelece uma hierarquia de genes, identificando os que são superiores e os que são inferiores. Esse pensamento, baseado na biologia culmina em uma política de seleção, de modo racional e deliberado - pautado na ideia de que a ciência moderna, que detém o controle da natureza, pode interferir e otimizar esse processo -, dos sujeitos que devem transmitir seus genes adiante e os que não devem. É assim que podemos perceber o quanto todos os temas da pesquisa se voltam para ela. O desejo de construir uma nação forte, e de raça forte, implica

em educar a juventude moral e fisicamente, para que as qualidades morais e físicas aprimorem o aspecto genético dos seres humanos, sendo o esporte - pensado de modo extremamente utilitarista na perspectiva dos intelectuais, mas que não necessariamente era entendido dessa maneira pelas juventudes que o praticavam - uma ferramenta imprescindível para isso. Por um lado, o esporte entendido como meio de tornar a juventude forte e saudável, e por outro, os anseios no campo médico e científico de protelar essa juventude, ou então de rejuvenescer a população na medida em que a velhice era entendida como fraqueza e doença, o oposto do que se almejava alcançar. É nesse sentido que nas fontes foram encontradas idealizações de um mundo que fosse “um jardim de Juventas” (A GAZETA, 1931, p. 5), pois quanto mais jovem fosse a população, mais eugênica a nação seria.

Ancorado nesse forte discurso do protelamento da juventude/rejuvenescimento, o mercado em busca de lucro começou a anunciar diversos produtos que teoricamente ajudariam os consumidores a manter sua mocidade, sempre sob a guarda de algum “estudo científico”, mas que na verdade não tinham esse respaldo consolidado. De outra parte, também houve propagandas que afirmavam que certo produto tinha um componente que “destruíam” a juventude, mas que a partir de processos industriais, os produtos de sua marca não o tinham, o que beneficiava a marca em detrimento de outras. Estamos falando de um mercado do rejuvenescimento. Um exemplo é o café, em que uma empresa norte americana anunciou que a cafeína era maléfica à beleza e à juventude, mas que o café que ela vendia era descafeinado. Isso gerou uma certa movimentação no Brasil que era um grande exportador de café para os Estados Unidos.

Portanto, se um país jovem, forte e saudável é a maior expressão da eugenia que o Brasil poderia ter, os intelectuais paulistas defenderam com veemência a prática esportiva para os jovens, para que estes se mantivessem jovens, e física e moralmente ideais. É claro que as fontes também mostraram algumas descontinuidades, como brigas em partidas, e também como mostrado anteriormente, uma coluna falando sobre Lima Barreto e suas críticas ao esporte e seu suposto potencial moralista. Entretanto, sem sombra de dúvidas, “A Gazeta” defendeu com unhas e dentes a prática esportiva, e foi uma das maiores defensoras do esporte segundo a Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE), advogando inclusive a oficialização do mesmo, e assumindo uma linha argumentativa que deslocava a responsabilidade de desvios de condutas morais de esportistas para o âmbito individual, ou seja, visando desconstruir a ideia de que o esporte fosse a causa disso, mas pelo contrário, o próprio esportista que deveria saber ministrar os seus próprios desejos que fossem contrários à “boa moral”. Nesse sentido, a compreensão da juventude como a próxima geração a orientar os caminhos da nação e constituir-la, promove um acoplamento praticamente indissociável entre esporte e juventude, que pode ser resumida pela escrita do médico Alexandre Tepedino, colunista da “A Gazeta”, que escreveu que “moço sem esporte é... neblina de moço...” (TEPEDINO, 1932d, p. 8), em suma, ou se pratica esporte, ou então não pode ser chamado de moço verdadeiramente.

Todo esse valor atribuído à prática esportiva, associado a enorme soberba de São Paulo perante aos outros estados do Brasil, fez com que os paulistas tomassem São Paulo como o ideal de esportes no país, afirmando que se eles já haviam entregado ao Brasil os melhores nomes em tudo, como na política, nas artes e na ciência, certamente dariam o melhor nome na cultura física. Além disso, enalteciam seus eventos esportivos, e tentativas de

menosprezar o esporte paulista foram rebatidas em colunas do jornal. Se dentro do Brasil a referência de esporte e eugenia era São Paulo, fora do país eram os Estados Unidos. Diversas fontes mostram o excessivo conteúdo cinematográfico produzido no período e divulgado no jornal tendo como enredo a vida dos jovens norte americanos, sempre mostrando o estilo esportivo e moderno. Para além disso, muitas colunas compararam o nível esportivo do Brasil com o dos Estados Unidos, sempre supervalorizando o que era feito lá em detrimento do que acontecia no Brasil.

Por fim, é preciso realizar um outro recorte além da juventude que ficou bem presente nas fontes, que é o recorte de gênero. No que diz respeito à relação entre eugenia e juventude, quando se falava em eugenia e mulheres jovens, ficou muito explícito a associação da eugenia com estética. Isto é, para que uma mulher assumisse uma postura eugênica, precisava se adequar a determinados padrões estéticos, o que não apareceu quando se falava de eugenia e os jovens homens, pelo menos não nas fontes analisadas. Segundo o porta voz da medicina na “A Gazeta”, em uma edição falando especificamente sobre mulheres, “não se póde perdoar a uma mulher que se descuida de sua linha. Medicina e esthetica são duas amigas que sempre concordam...” (TEPEDINO, 1933, p. 2). Cabe aqui procurar entender quais foram os processos históricos e sociais que produziram essa associação entre eugenia e estética quando o assunto são os corpos femininos, coisa que atualmente foge do alcance do espectro dos meus conhecimentos.

## REFERÊNCIAS

A GAZETA. A Gazeta, p. 5, 12 mai. 1931. Nota de jornal sem título.

BURKE, Peter. O que é história cultural? 2a. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2005

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difel. 2002.

TEPEDINO, Alexandre. Consultorio medico. A Gazeta, p. 8, 28 nov. 1932d.